
Livros

Produzido para a
disciplina de Estudos
Dirigidos em Teoria da
Comunicação,
ministrada em 2008.1
por Mauricius Farina

Henrique Cartaxo | RA061435
hcartaxo@ gmail.com

Livros

Nossa sociedade extingue os espaços silenciosos. A outrora mágica velocidade da luz é aquela a que acostumamos nossa percepção. Uma tempestade incessante de informação vem de todos os lados, na forma de som, imagem, hiper-texto. Não há um instante a mais para dedicar a qualquer coisa que seja, qualquer forma de contemplação, qualquer tentativa de reflexão, a mínima ocorrência de um fio condutor estável se tornou caduca e atrasada.

Vimos na virada entre o XIX e o XX a filosofia e a física quântica ignorar a distinção entre espaço e tempo, para em seguida ver a imagem perspectivista encontrar de fato o tempo e com um ilusionismo maravilhoso se mover. No mesmo passo uma questionável ciência fincava suas bases para permanecer em nossas cabeças até hoje e além, e que trata do mundo daquilo que nos habita as mentes e, sem o nosso conhecimento, determina nossas decisões e até os nossos mais acidentais tropeços; essa tal Psicanálise, mãe e pai, filha e irmã deste sujeito narcisista de nosso tempo. Tivemos as guerras mundiais e o rádio e a televisão nos bombardeando as cabeças dentro de casa, com as vozes e as caras de presidentes, de palhaços, de varejistas; e houve aqueles que puseram-se a votar, a rir, a comprar, ou a pensar que os três não eram senão um só, o mesmo, uma imagem num tipo especial de espelho que nos colocava sentados, imobilizados, mas de olhos e ouvidos abertos, em toda parte do mundo. Hoje temos diante de nós estas máquinas computadoradas, ligadas todas umas as outras pela Internet, em que depositamos infinitas idéias, seja em imagens, sons, palavras. Entramos numa fase em que todo conteúdo é de todos, a transmissão da informação se dá em redes complexas, intrincadas, onde cada ponto pode emitir seus impulsos e vê-los reverberar em todos os outros. Logo veremos essa rede se desmanchar não mais em pontos, mas num contínuo infinito. O homem terá criado o seu meta-universo.

Nos acostumamos a isso tudo. Vive-se constantemente na fronteira, na situação limite, na destruição e substituição continuadas do conjunto de referências que constroem nossa auto-identificação. Não se pertence. Há uma ausência de lugar para o ser e uma ausência do ser nos lugares. Estamos à deriva num mar de correnteza confusa, oscilante e imprevisível, nos

agarrando a tocos e restos, que em seguida afundam, como nós todos em breve afundaremos para conhecer a profundidade umbral do esquecimento.

Dizia-se que para fazer valer a existência, caberia à pessoa ter um filho, plantar uma árvore e escrever um livro. Reminiscências.

“Quando apanhava um livro, podia abrí-lo e fechá-lo vinte vezes, via muito bem que ele não se alterava. Deslizando sobre essa substância incorruptível, o texto, meu olhar era apenas um minúsculo acidente de superfície, não atraphava nada, não gastava. Eu, em contrapartida, passivo, efêmero, era um pernilongo ofuscado atravessado pelos clarões de um farol; abandonava a escrivantina, apagava a luz: invisível nas trevas, o livro continuava cintilando; por si só. Eu infundiria às minhas obras a violência desses jatos de luz corrosivos e, mais tarde, nas biblioecas em ruínas, elas sobreviveriam ao homem.”¹

Foi sobre o livro e sobre a pedra da cultura escrita que se criou e se recriou a civilização ocidental, dos textos sagrados que corporificaram a revelação divina, em lugar dos anjos, aos textos seculares que corporificam o saber, em lugar da oralidade.

Flusser diz que a escrita é meta-código da imagem. A fruição de uma imagem é cíclica. O olho percorre o plano, podendo voltar ao elemento que quiser, tornando-o anterior e posterior a qualquer outro. Assim a imagem é decifrada, tendo o homem a ilusão do acesso ao mundo. A escrita transcodifica essa experiência cíclica e bidimensional em experiência linear unidimensional. Cenas se transformam em processos, uma coisa acontece depois da outra e só poderia ser desta forma, porque existe uma ordem aristotélica entre as idéias.

“A escrita se funda sobre a nova capacidade de codificar planos em retas e abstrair todas as dimensões, com exceção de uma: a da conceituação, que permite codificar textos e decifrá-los. Isto mostra que o pensamento conceitual é mais abstrato que o pensamento imaginativo, pois preserva apenas uma das dimensões do espaço-tempo. Ao inventar a escrita, o homem se afastou ainda mais do mundo concreto quando ,efetivamente, pretendia dele se aproxiamr. A escrita surge de um passo para aquém das imagens e não de um passo em direção ao mundo. Os textos não signifciam o mundo diretamente, mas através de imagens rasgadas. Os conceitos não significam fenômenos,

¹ Les Mots. Paris: Gallimard, 1964. P.155 [AsPalavras. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: difusão Européia do Livro, 1970. P. 110-111].

significiam idéias. Decifrar textos é descobrir as imagens significadas pelos conceitos.”²

McLuhan acredita que a cultura escrita e a alfabetização tendem a reduzir o valor das experiências dos sentidos da audição, do tato e do paladar, bem como a sensação familiar, emocional e grupal. O homem que lê é desprendido da tribo, é civilizado e igual a todos os outros, sob a égide da lei escrita – a sagrada ou a secular. O sacrifício de um universo de significação e percepção, presentes no hieróglifo e no ideograma chinês, por exemplo, tenta se compensar numa ponte entre os mundos orais auditivos e tradicionais visuais da palavra.

“A civilização se baseia na alfabetização porque esta é um processamento uniforme de uma cultura pelo sentido da visão, projetado no espaço e no tempo pelo alfabeto. Nas cultura tribais, a experiência se organiza segundo o sentido vital auditivo, que reprime os valores visuais. A audição, à diferença do olho frio e neutro, é hiperestética. Sutil e todo-inclusiva. As culturas orais agem e reagem ao mesmo tempo. A cultura fonética fornece aos homens os meios de reprimir sentimentos e emoções quando envolvidos na ação. Agir sem reagir e sem se envolver é uma das vantagens peculiares ao homem ocidental letrado.”³

Apesar de milênios de história, poesia e filosofia escrita em pergaminhos, papiros e códices, ora incendiados junto com suas bibliotecas, ora transcritos, copiados, guardados ocultos, ora protegidos, ora perseguidos, a leitura e a alfabetização não se tornaram habituais na cultura judaico-cristã ocidental até a popularização do Livro, processada lentamente ao longo dos três séculos que sucederam a invenção da imprensa e a impressão da bíblia, por Gutenberg. Este processo tem o seu apogeu no Romance, gênero literário estritamente ligado ao objeto do livro.

Walter Benjamin lamenta, no crescimento do Romance, a decadência da cultura narrativa oral. O hábito de se sentar em volta de um viajante que conta a sua experiência de outros lugares, de outros lugares e outras culturas, ou o sábio mestre local, que passa para as novas gerações as tradições de seu próprio lugar, pela palavra falada e ouvida, é substituído pelo hábito solitário da leitura. A experiência humana deixa de ser comunicável, o conselho, a sabedoria – lado épico da verdade -, perde um bom pedaço de seu sentido.

² FLUSSER, Villém. Filosofia da Caixa Preta: Ensaio para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

³ MCLUHAN, Marshall. A Palavra Escrita: Um Olho Por Um Ouvido. In: _____. Os meios de comunicação como extensões do homem. Tradução de Décio Pignatari. 4ª ed. São Paulo: Cultrix, 1974

“A origem do romance é o indivíduo isolado, que não pode mais falar exemplarmente sobre suas preocupações mais importantes e que não recebe conselhos nem sabe dá-los. Escrever um romance significa, na descrição de uma vida humana, levar o incomensurável a seus últimos limites. Na riqueza dessa vida e na descrição dessa riqueza, o romance anuncia a profunda perplexidade de quem a vive.”⁴

O leitor de romances é o burguês no trânsito do capitalismo industrial para o financeiro. As grandes cidades vêem sua população aumentar vertiginosamente, ao mesmo passo em que cresce uma especulação financeira de méritos e critérios incertos. A experiência urbana ganha um caráter de notável estranheza e a burguesia reage com o auto-encasulamento que vai acabar fertilizando o terreno para a cultura narcisista, e para o narcisismo como psicopatologia própria aos nossos tempos.

Debray pensa, porém, que o objeto livro é, na família burguesa, anterior ao hábito da leitura. Como se a transcendência do texto escrito lhe fosse já imanente, já houvesse uma ordem dos livros, superior, clerical, pairando sobre a civilização e sobre a continuidade e sobrevivência de cada família. Uma seriedade santuária os envolve. Algo de quando o texto era algo eminentemente sagrado, palavra de Deus, oculto e restrito ao clero ou a uma elite de privilegiados, permanece e resiste à secularização por que tudo mais passava entre os séculos XV e XVIII e passou do século XIX para o XX. Para Debray, o objeto livro nasce da tradição do códice, intimamente ligado à iconografia cristã.

“A substituição definitiva do vólumen pelo códice ocrresponde, em torno do século IV, à cristianização do Império Romano. Receptáculo da Revelação, suporte privilegiado para o Kerygme messiânico, o contentor beneficou-se com o tempo da sacralização do conteúdo de sorte que ‘crer no Livro’ e crer em Deus tornaram-se pouco a pouco sinônimos. As religiões do livro por certo desmaterializaram o divino, porém, já que só é destruído aquilo que é passível de substituição, elas tiveram para tanto que ‘divinizar’ a ferramenta material dessa desmaterialização, entronizaram e ritualizaram o acesso ao lugar da Palavra. O códice como morada de Deus.”⁵

Dezessete séculos depois, na cultura da rede, da efemeridade dos impulsos neurais, discute-se o futuro do Livro. A informática e o seu hiper-texto, que pode através da internet ser

⁴ BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221 (Escrito em 1936 sob o título Der Erzähler: Betrachtungen zum Werk Nikolai Lesskows).

⁵ DEBRAY, Régis. aquele que acreditava no livro. In _____. Acreditar, Ver, Fazer; tradução Eliana Maria de Melo Souza. Bauru, SP: EDUSC, 2003

construído a várias mãos, a várias referências, que se reconstrói, se renova e se amplia a cada nova leitura, de um modo diferente para cada leitor, promete destituir o Livro de sua autoridade. O modo de ler também é, aí, alterado. A interface eletrônica desfavorece o uso patrimonial ou referencial da cultura escrita, tampouco lhe é próprio o tempo de reflexão, abstração ou contemplação peculiares à leitura de livros propriamente ditos. São, portanto, experiências diferentes. Debray prevê em 1994 o que hoje chamamos de cultura Wiki, mas assegura que o livro há de permanecer, mesmo enquanto o movimento de retorno que obrigatoriamente acompanha o progresso.

“Gostaria de lembrar aos integrados do "tudo-digital", sem me transformar por isso em apocalíptico, algo que se parece fortemente a uma constante antropológica: as comunidades humanas têm necessidade de um espaço singular de pertencimento e de referência. Para dizer em uma fórmula demasiadamente lacônica: não há cultura sem fechamento (e o tempo não se fecha por si só). [...] O fechamento doutrinário, encarnado em um ou em vários livros, toma lugar de demarcação e de referência central.”⁶

Comecei o texto falando de uma série violenta de transformações que a comunicação sofreu, e uso de propósito uma conjugação do verbo *sofrer*, num caminho que parecia exatamente o da destruição do lugar de demarcação de referência central de uma cultura, onde Debray coloca o livro, na citação acima. Ele está tão certo que, ironicamente, todas essas transformações e a experiência urbana caótica, desprovida de narrativa e de eixo, está discutida, analisada, questionada, compreendida e, finalmente, legitimada, nos tão admiráveis Livros.

Ainda bem. Que ainda existam os livros, nossa sociedade carece de coisas imutáveis, que nós mesmos possamos rever depois de nossas tantas mudanças, carece de experiências que perdurem no tempo, que conservam algum traço de imanência. Careço eu de me sentar longe de telas e auto-falantes para ler. Não ligo que a palavra seja *meta-código da imagem*, não ligo que os teóricos da cultura narcisista digam que *me isolo do mundo*. Assim, eu que vivi poucos anos já pude apreciar prosas de tantos séculos, já pude, meu corpo em silêncio, ter minha mente explorando mundos distantes, que passaram e que estão por vir. Esteja Debray certo, o Livro não vai acabar.

⁶ Idem.

Livros

SARTRE, Jean Paul. Les Mots. Paris: Gallimard, 1964. P.155 [AsPalavras. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: difusão Européia do Livro, 1970. P. 110-111].

FLUSSER, Villém. Filosofia da Caixa Preta: Ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

MCLUHAN, Marshall. A Palavra Escrita: Um Olho Por Um Ouvido. In: _____. Os meios de comunicação como extensões do homem. Tradução de Décio Pignatari. 4ª ed. São Paulo: Cultrix, 1974

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221 (Escrito em 1936 sob o título Der Erzähler: Betrachtungen zum Werk Nikolai Lesskows).

DEBRAY, Régis. aquele que acreditava no livro. In _____. Acreditar, Ver, Fazer; tradução Eliana Maria de Melo Souza. Bauru, SP: EDUSC, 2003

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. Uma História Social da Mídia: de gutenberg à internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.